



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita à sede da representação da FAO para a América Latina e o Caribe

Santiago-Chile, 26 de abril de 2007

Meu querido companheiro José Graziano, em nome de quem saúdo os demais representantes das agências internacionais aqui presentes,

Minha querida companheira Marisa, companheiros políticos que me acompanham nesta viagem ao Chile,

Meus queridos companheiros,

Amigos e amigas representantes do corpo diplomático,

Meus companheiros da FAO,

Meu querido Celso Amorim, nosso embaixador,

Quero cumprimentar as lideranças brasileiras aqui no Chile, que estão bem representadas neste Plenário,

Gostaria de dizer para vocês que é com enorme prazer que venho ao Escritório Regional da FAO em Santiago. Tenho o prazer e a satisfação de rever um companheiro meu, desde a década de 80, o companheiro Graziano. A minha relação com o Graziano é hereditária, porque eu era muito amigo do pai dele, não fui do avô porque o avô morreu antes de eu nascer. Ele foi o companheiro, que ainda no Instituto Cidadania, coordenou para mim o Programa de Segurança Alimentar, que terminou depois no Programa Fome Zero, mais conhecido hoje como Bolsa Família. Aliás, o Bolsa Família é um guarda-chuva do Programa Fome Zero.

O Memorando de Entendimento que a FAO e o meu governo acabaram de assinar, reforça a nossa parceria com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação. Vamos aprofundar nossa cooperação técnica na luta contra a fome e a desnutrição.



Vamos, também, fomentar a agricultura familiar e promover o desenvolvimento agropecuário nos países da região. Uma das condições indispensáveis para a construção de um mundo de paz e segurança é o acesso das pessoas ao mais fundamental dos direitos humanos: o direito à alimentação, indissociável do direito à vida. Alimentar-se com regularidade e qualidade é o primeiro direito constitutivo na formação da cidadania e da dignidade humana. A fome é parte de um ciclo vicioso que envolve a pobreza, a marginalização, o desemprego, a falta de educação e a discriminação. Em outras palavras, a fome é, acima de tudo, um problema de exclusão social. Disso sou testemunha, pois vivi na pele essa dura realidade.

Ao concebermos a política social do meu governo, partimos do diagnóstico de que, no Brasil, não existe problema de oferta de alimentos. Tínhamos, sim, falta de renda e as conseqüentes dificuldades de acesso aos alimentos. Sobre essa base, determinei que o direito à alimentação passasse a fazer parte das políticas de Estado para atacar na raiz os problemas sociais que produzem a fome. Por isso, defendemos a reforma agrária, o apoio à agricultura familiar, a concessão de créditos e assistência técnica e a comercialização dos produtos agrícolas.

Um dos programas centrais de nosso governo no combate à fome e à miséria é o programa Bolsa Família. Trata-se do maior programa de distribuição de renda da história do Brasil, que hoje transfere recursos diretamente a mais de 11 milhões de famílias pobres do Brasil. Ao proporcionar boa alimentação e renda mínima a tantos brasileiros, estamos contribuindo para que essas pessoas recuperem sua dignidade, tenham mais saúde e possam aprender melhor nas escolas.

A aprovação da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional no Brasil, em 2006, elevou o acesso à alimentação à condição de política permanente de Estado. Por meio do novo Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, o poder público e a sociedade civil estão atuando



conjuntamente na implementação de ações destinadas a assegurar o direito da população brasileira a uma alimentação saudável. Destinar recursos para a área social não é gasto, e nós já aprendemos que é investimento.

Um dos nossos principais objetivos é contribuir para que cumpramos com as Metas do Milênio das Nações Unidas, reduzindo pela metade, até 2015, o número de pessoas afetadas pela fome. Considero intolerável que cerca de 850 milhões de pessoas sofram hoje de desnutrição crônica nos quatro cantos do mundo.

A fome, a pobreza e a exclusão são problemas essencialmente políticos e não apenas sociais ou estatísticos. Tenho procurado mobilizar a comunidade internacional para ampliar significativamente os recursos disponíveis para combater esses flagelos, oferecendo oportunidades de desenvolvimento aos países mais pobres.

Convencido disso, tomei a iniciativa de propor, em 2004, nas Nações Unidas, a Ação Internacional contra a Fome e a Pobreza. O Chile foi um dos primeiros países a apoiar a iniciativa, ao lado da França e da Espanha. Desde então, já obtivemos importantes resultados.

O tema do financiamento ao desenvolvimento passou a ganhar destaque nas agendas da ONU, do Banco Mundial, do FMI e também nas reuniões do G-8. Em conjunto com o Chile e outros países, temos buscado identificar fontes inovadoras de recursos regulares para os países que deles mais necessitam. O primeiro resultado desse esforço foi o lançamento da Central Internacional para a Compra de Medicamentos contra a Aids, a malária e a tuberculose. É uma iniciativa inovadora que está proporcionando aos países mais pobres acesso direto, a preços reduzidos, aos medicamentos essenciais.

Tenho insistido muito, também, no desenvolvimento dos biocombustíveis como instrumento de geração de renda nos países do Sul. O etanol e o biodiesel, além de fontes energéticas limpas, renováveis e baratas, podem constituir resposta eficaz para o desafio de combater a fome e a pobreza.



Criam novas atividades agrícolas e industriais, diversificam a produção e a exportação, e são atividades com enorme potencial de criação de empregos, sobretudo na pequena agricultura.

Os biocombustíveis não apresentam risco para a segurança alimentar das nações mais pobres, desde que sejam desenvolvidos de forma criteriosa, de acordo com a realidade de cada país. Outra grande vantagem desses combustíveis verdes: podem ser produzidos a partir de uma grande variedade de plantas e de sementes que se adaptam às necessidades de cada região.

Nós, que estamos verdadeiramente preocupados com o problema da fome, temos que lembrar que são os subsídios agrícolas dos países desenvolvidos que prejudicam a produção dos países pobres, gerando a dependência em importação de alimentos. E essa é uma das razões pelas quais o Brasil mantém-se empenhado numa Rodada Doha que resulte, finalmente, na liberalização do comércio agrícola internacional.

Meu querido companheiro Graziano,

Ao visitar a sede regional da FAO, quero prestar minha homenagem à Organização pelo papel pioneiro que desempenhou e que continua desempenhando em muitos países em desenvolvimento nas áreas de agricultura e alimentação. Seus projetos de assistência técnica são valiosos e merecem ser apoiados.

Graças aos nossos esforços, a luta contra a fome e a pobreza está no centro da agenda internacional contemporânea. Mas assegurar a centenas de milhões de seres humanos condições mínimas de acesso à alimentação digna e saudável continua sendo um dos grandes desafios de nosso tempo.

Espero que os países desenvolvidos tenham lucidez estratégica para perceber que o comprometimento com a eliminação da pobreza e da fome, mais do que justo, é absolutamente necessário. Sem isso, a paz e a segurança no mundo jamais serão possíveis.

De minha parte, continuarei engajado na luta contra a fome e a pobreza.



Essa luta, para mim, representa não somente um compromisso político, mas, sobretudo, um projeto de vida.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu penso que não poderia deixar de falar um pouco mais para vocês. O século XXI é o século que colocou e está colocando a América do Sul e a América Latina no centro mundial dos debates. Nós, hoje, não somos mais vistos como países periféricos, sem importância, que só eram chamados para discutir ajuda de combate ao narcotráfico, ao crime organizado, ou só éramos lembrados pelas nossas festas folclóricas.

Hoje, a América do Sul e a América Latina começam a ser lembradas pelos outros países não como coadjuvantes, mas como protagonistas da história do século XXI. Eu penso que todos nós, que moramos na América do Sul, temos um pouco de responsabilidade pelo que está acontecendo no mundo. Eu me lembro de que, na primeira viagem que fiz a Davos, em 25 de janeiro de 2003 – eu tinha acabado de sair do Fórum Social Mundial em Porto Alegre – eu dizia para o meu ministro Celso Amorim que era possível a gente mudar um pouco a geografia comercial do mundo, que era possível a gente criar novos instrumentos, novos mecanismos, e passar a ser percebido pelas nações ricas como agentes políticos transformadores, e não como agentes políticos de segunda classe.

Daí surgiu o G-20. Vocês estão lembrados das críticas que nós recebemos quando criamos o G-20 em Cancun. No meu país, os conservadores diziam: “Mais um fracasso da política externa do governo Lula”. Possivelmente também, aqui no Chile e em outros países da América do Sul, não faltaram aqueles que criticaram o fracasso. Entretanto, como todos nós aprendemos um pouco com a experiência chinesa, a paciência é a grande arma do sucesso que a gente tem.

Passados três anos, eu duvido que hoje haja um grande acordo internacional sem levar em conta a existência de um grupo chamado G-20,



porque nesse grupo não estão apenas Chile, Brasil, Argentina e outros países da América do Sul. No G-20, está a China, está a Índia, está a África do Sul e estão muitos outros países africanos, que representam quase dois terços da humanidade e, portanto, ninguém consegue fazer política sem levar em conta a nossa existência.

Qual foi a mudança que existiu? A mudança que existiu é que nós descobrimos que é importante nos respeitarmos, que é importante gostarmos de nós mesmos, que é importante nos levar a sério e não entrar na reunião como se fôssemos apenas representantes de países subdesenvolvidos, sem força, e que tinham que esperar, primeiro os Estados Unidos falarem, depois a União Européia falar, para depois a gente dizer “posso falar?”. E ainda pedíamos licença para falar. O que nós queremos não é desrespeitar ninguém, é apenas dizer que existimos, que queremos discutir em igualdade de condições, e que não queremos que eles venham com discurso para nós de que são favoráveis ao livre comércio, mas na hora de permitir que os produtos dos países da América do Sul e da África adentrem o seu mercado, o livre comércio não existe, porque colocam barreiras e colocam subsídios para dificultar uma competitividade verdadeiramente de livre comércio.

É por isso que nós estamos empenhados em garantir que haja o apoio da Rodada de Doha e, sem isso, os líderes políticos desse momento passarão para a história como líderes (Inaudível), porque não pode ter gesto maior para a humanidade do que a gente apontar no Acordo de Doha a possibilidade dos mais pobres poderem vender um pouco dos seus produtos aos países mais ricos. Não existe nada mais nobre do que os mais ricos dizerem que vão diminuir o subsídio para que o pobre possa se tornar mais competitivo. Sem isso não haverá paz, não combateremos o terrorismo e não saberemos o que vai acontecer no continente africano, quando daqui a 20 ou 30 anos tiver, naquele continente, 1 bilhão e 300 milhões de habitantes sem perspectiva de futuro, sem perspectiva de trabalho.



Foi baseado nessas idéias, companheiros, que nós começamos a pensar na política de biodiesel. Foi pensando exatamente nos países mais pobres que nós começamos a pensar na política do biodiesel. O biodiesel foi pensado no Brasil, a primeira vez, em 1921. Não sei quando foi pensado em outros países. Não, o álcool foi em 1921 e o biodiesel foi pensado em 1943. Entretanto, o álcool, em 1975, teve um deslanche enorme com a criação do Proálcool, e nós então passamos a fazer do álcool uma indústria energética importante no Brasil. Na década de 90, nós tínhamos praticamente 80% dos carros a álcool; no ano 2000, a gente não tinha mais nenhum carro a álcool; e agora, por conta da política do flex-fuel, o Brasil já tem 85% dos carros vendidos no mercado interno, flex-fuel. Pode colocar 100% de álcool, 100% de gasolina, 50% de cada um, 1% de um e 99% do outro, ou seja, pode-se fazer a mistura que quiser que isso já está garantido com tecnologia e garantia técnica para funcionar.

A segunda coisa que nós imaginamos foi o seguinte: o mundo precisa, ao mesmo tempo, ser despoluído, o mundo precisa gerar empregos e, ao mesmo tempo, o petróleo estava ficando cada vez mais caro. O que fazer então? No Brasil, desde 1975, o professor Expedito Parente, da Universidade Federal do Ceará, tinha patenteado o biodiesel. Entretanto, o biodiesel era utilizado no Brasil para debates acadêmicos. Eu mesmo, viajando pelo Brasil, fui a vários lugares ver pequenas usinas de biodiesel. Era um debate universitário ou um debate de sonhadores.

No final de 2003 ou no começo de 2004, se não me falha a memória, nós resolvemos criar uma política de biodiesel para o Brasil, ou seja, transformar o biodiesel numa matriz energética para o nosso País, e começamos a pensar para as regiões mais pobres do Brasil. Quem conhece o Brasil, a região do semi-árido, a região onde não se planta muita coisa e, também, pensando na América Central, pensando na África – e é importante lembrar que o primeiro presidente de fora com quem conversei sobre o



biodiesel foi exatamente o presidente Chávez, que... como é o nome da mamona em espanhol? Eu sei que nem o Chávez sabia quando eu falava mamona, nem eu sabia quando ele falava o nome no país dele. O dado concreto é que nós queríamos produzir biocombustível.

Bem, mandamos um projeto de lei, aprovamos no Congresso Nacional, e, este ano, nós vamos terminar o ano produzindo 840 milhões de litros, que é a quantidade necessária para que a gente possa introduzir 2% de biodiesel no óleo diesel. E podemos antecipar, Graziano, de 2013, para quando estavam previstos os 5%, para 2010, com muita tranquilidade. É só fazermos os investimentos necessários na ampliação da produção. Alguns projetos que eu visitei, para cada trabalhador de uma usina de biodiesel, eles precisaram de mil trabalhadores no campo. Para cada um na usina de transesterificação – você traduz o que é transesterificação – nós precisaríamos de mil no campo.

Pois bem, nós começamos a discutir a possibilidade, e eu sonho que talvez o biodiesel seja a chance que a maioria dos países africanos tem neste século XXI. Talvez seja a grande possibilidade para alguns países da América Central, sobretudo para aqueles com quem os Estados Unidos têm acordo de livre comércio, não cobra nenhum imposto, ou seja, poder comprar o etanol de muitos países que até então vendiam coisas quase que insignificantes para os Estados Unidos. E também porque a América Latina e o mundo atravessam um problema de energia, hoje, há uma escassez. Há uma escassez energética em muitos lugares, e a depender do crescimento econômico dos países, nós vamos começar a ter problemas: ter problemas no gás, ter problemas no petróleo, ter problemas no carvão, até porque acho que ninguém vai (falha na gravação)

...ao mesmo tempo, a energia mais poluidora hoje em dia. E eu estava lembrando uma coisa para dizer a vocês: quando a nossa querida Petrobras vai comprar uma grande plataforma – uma grande plataforma chega a custar 2 bilhões de dólares – ela gera 6 mil empregos diretos e mais alguns indiretos.



Mas quando ela está funcionando, ela gera, durante o ano, o equivalente a 600 empregos. Com 2 bilhões de dólares, com o biodiesel, iríamos gerar meio milhão de empregos, 500 mil empregos para a agricultura familiar em qualquer país do mundo.

Ademais, eu fico imaginando a Pedvesa, a Petrobras e tantas outras empresas que cada vez mais têm que cavar buraco mais fundo, para achar petróleo. Eu estou dizendo isso, porque eu quero que a Petrobras faça mais prospecção de petróleo, porque eu quero que ela, cada vez mais, tenha petróleo. O que eu não quero é essa loucura que, de vez em quando, a gente inventa, de uma coisa anular a outra. O que eu quero, na verdade, é ter uma combinação, que os países que tiverem que utilizar petróleo continuem utilizando, porque já é uma matriz consolidada, mas os países que puderem produzir biodiesel, comecem a produzir biodiesel.

Pois bem, aí começa o preço da energia. Vocês, chilenos, acompanham todo dia a briga do gás: vai acabar o gás, não vai acabar o gás, tem gás de sobra, não tem, como é que vai ser o gás da Bolívia, como é que vai ser o gás da Nigéria, como é que vai ser o gás da Argélia, como é que vai ser o gás do Nepal, ou seja, está todo mundo atrás de gás. Entretanto, nós só podemos oferecer para o nosso povo aquilo que nós temos, aquilo que nós não temos, nós não temos como oferecer.

O importante é que o biodiesel, todo mundo pode oferecer. Imaginem vocês, e a experiência no Brasil, eu acho que a FAO deveria – vou mandar uma carta para o Diogo – montar uma equipe de técnicos para ir nos visitar, porque a FAO vai ser muito exigida nesse debate. Você deve fazer um poço, com dois mil metros de lâmina d'água, depois mais 3 mil metros no fundo do mar, chega a quase pegar o japonezinho lá, você quase atravessa o Planeta. Mas você cava com a mão um buraco de 30 centímetros, planta um pé de mamona, planta um pé de soja, planta um pé de pinhão manso, planta um pé de dendê, planta um pé de girassol, planta um pé de algodão e, depois de 4



meses, 18 meses, 24 meses, você está colhendo o óleo que você tanto precisa para poder tocar as suas termelétricas.

Aí aparecerão os economistas dizendo: “É mais caro”. É verdade que é mais caro. Mas é mais caro se a gente for olhar apenas o receptor final, que é a empresa do óleo. Mas vamos olhar, na intermediação disso, quantos empregos a gente gera no biodiesel. A gente vai fazer bem, se a gente pegar a quantidade de salário que a gente paga e a quantidade de impostos que os assalariados pagam para o Estado, e a gente vai chegar à conclusão de que fica até mais barato.

Então eu penso, companheiros, que nós estamos vivendo um momento promissor para o nosso continente. Primeiro, porque nós nos descobrimos. Hoje, na América do Sul, chileno não tem mais medo de brasileiro, que não tem mais medo de argentino, que não tem mais medo de uruguaio, que não tem mais medo de paraguaio, que não tem mais medo da Bolívia, que não tem mais medo do Equador, que não tem mais medo da Colômbia, que não tem mais medo do Peru e que não tem mais medo da América Central. Nós estamos percebendo que estamos no mesmo barco, estamos percebendo que tem política de complementaridade que, se nós fizermos juntos, todos nós ganharemos.

Agora, eu fui a Isla Margarita fazer um debate, a convite do presidente Chávez, com todos os presidentes da América do Sul. E estava dizendo para vocês o seguinte: nós andamos tanto tempo de costas para nós mesmos que nós sequer levamos em conta o potencial energético em hidrelétricas que nós temos no continente. Pasmem, o presidente Chávez mostrou o número da Opep. Hoje nós temos 1 trilhão – como é que se traduz 1 trilhão em espanhol? – 1 trilhão, 450 bilhões de barris de petróleo no mundo inteiro, essa é a reserva, fora o gás. Só na América do Sul, se a gente transformasse a energia elétrica em barris de petróleo, o potencial de construção de hidrelétrica do nosso continente daria, simplesmente, 1 trilhão, 349 bilhões de barris de



petróleo. Uma energia limpa, renovável e de longa duração.

Mas nós nunca paramos para discutir isso, nós sempre achamos que não íamos precisar fazer essa discussão. E, agora, as trilhas que se apresentam, vão obrigar a América do Sul a entender que o Brasil não pode brigar com a Argentina, e que a Argentina não pode brigar com o Chile, e que o Chile não pode brigar com o Equador, que não pode brigar com o Paraguai. Nós não podemos ficar remoendo os problemas do século XVIII ou XIX, nós temos que pensar é nas soluções do século XXI para que a gente possa garantir às nossas crianças um mundo melhor do que aquele que nós recebemos dos nossos pais.

Além disso, companheiros, vamos ver um preço, aqui, para deixar vocês pensando seriamente. O megawatt-hora de energia produzida em hidrelétrica custa 40 dólares, é o mais barato. O megawatt produzido numa termelétrica de carvão custa 48 dólares. Se esses números não estiverem verdadeiros, Silas... O gás natural, o megawatt-hora custa 54 dólares. O megawatt da nuclear custa 140 dólares. O megawatt-hora do óleo combustível custa 230 dólares e do óleo diesel custa 310 dólares. E aqui não está a eólica, que custa 179 dólares o megawatt-hora, e não está a questão da biomassa, que custa um pouco mais do que o gás natural.

Então, vocês estão percebendo que o desafio que está colocado para nós é infinitamente maior que os desafios que a gente discutia até ontem nos nossos discursos ideológicos: quem era mais à esquerda, mais à direita, quem era socialista e quem não era. Agora, nós temos que pensar na sobrevivência do nosso continente e dos nossos países, e quais as alternativas que temos. Nós vamos ter que juntar a nossa inteligência. E a nossa inteligência não se junta porque nós, embora saibamos da necessidade, não temos, por exemplo, nenhum fórum de debate da América Latina no Brasil, nós temos na Europa. Mas aqui poderia ter um centro que pudesse juntar chilenos e brasileiros ou juntar toda a América do Sul para que os nossos intelectuais pudessem



transitar, criar uma entidade em cada universidade federal dos nossos países, criar um intercâmbio intelectual mais ousado, mais rigoroso. Essa coisa é que está faltando entre nós.

Então, eu penso que o desafio que está entre nós, agora, o grande desafio, que não é para a Michelle e não é para o Lula, porque nós somos passageiros – a sociedade é que é infinita –, é a gente começar a criar os instrumentos capazes de garantir a produção de políticas alternativas que interessem a todos nós, ou seja, um centro de estudos da América Latina. Por onde transitam os nossos intelectuais que não debatem entre nós mesmos? Muitas vezes nós nos encontramos na França, no Centro de Estudos Latino-Americanos em Paris – eu já encontrei tantos latino-americanos –, mas a gente não tem aqui em Santiago ou no Brasil um centro de estudos latino-americanos. É preciso criar essas coisas agora. Esse é o desafio que está colocado para Michelle, para o Chávez, para o Kirchner, para mim, para o Rafael, ou seja, fazer no século XXI o que não fizemos no século XX, para que a gente possa apresentar as saídas que nós, até então, não sabemos quais são e que vocês podem saber.

Por isso, meus amigos e minhas amigas, desculpem a eloquência, porque esse negócio de biodiesel, para mim, virou uma paixão nacional e mundial, e eu quero debater, porque, obviamente, se tiver conflito com alimento, eu prefiro comer, porque essa é a melhor energia. Mas eu acho que há espaço para os dois ou até para os três, e aí a FAO joga um papel importante.

Obrigado. Fiquem com Deus.